

Tríduo Bíblico 2013

As palestras do Tríduo Bíblico de 2013, ocorridas na Faculdade Católica de Santa Catarina entre os dias 27 e 29 de maio, trouxeram grande oportunidade de crescimento intelectual e espiritual aos alunos e professores da instituição, bem como às demais pessoas presentes no evento, que tratou da Hermenêutica Bíblica a partir do Evangelho de Lucas. Da parte da assembleia, atenção, participação, escuta, muito interesse; da parte do assessor, conhecimento exposto de maneira acessível e bem humorada, sem deixar de lado a profundidade e a seriedade exigida pelo estudo.

A temática trabalhada pelo Prof. Dr. Francisco Orofino esteve inserida na proposta bíblico-pastoral da CNBB de estudos acerca do Evangelho de Lucas, em 2013, vinculada ao tema da hermenêutica, extremamente atual e pertinente. Vale ressaltar, também, a busca da animação bíblica de toda a pastoral, a partir das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. Ainda: a oportunidade de celebrar o cinquentenário do Concílio Vaticano II, a partir da releitura e aprofundamento de seus documentos, dentre os quais sobressai a *Dei Verbum* – a partir da qual outros documentos foram escritos, com destaque para *A interpretação da Bíblia na Igreja* (1993) e a *Verbum Domini* (2010).

Desde o início dos trabalhos, o professor propôs a análise do “Livro de Lucas” como um todo – considerando suas duas partes, separadas, na Bíblia, entre Evangelho e Atos dos Apóstolos. O objetivo a ser alcançado pela visão unitária do escrito lucano foi perceber tanto o destinatário do livro de Lucas – a emblematicidade do termo ‘*teófilo*’, que o professor uniu à figura do neófito na Igreja primitiva – bem como as intenções do autor, que, diferentemente dos demais evangelistas presentes no cânon, dirige-se às comunidades greco-romanas situadas no mundo urbano do final do século I – muito diferente do espaço de surgimento do Evangelho de Jesus Cristo e das comunidades da Palestina, na sua maioria rurais. Lucas, nesse sentido, encontra diante de si um novo interlocutor, semelhante àquele encontrado pela equipe missionária de Paulo, no intento de anunciar a boa notícia nas regiões da Grécia e de Roma – podendo até Lucas ter participado da equipe missionária, questão que pode ser posta partindo-se das possibilidades interpretativas da “seção nós” dos Atos dos Apóstolos. Nesse pano de fundo, a cidade, emerge a necessidade da catequese para os neoconvertidos – tanto o anúncio querigmático como a catequese continuada, sempre vinculando fé e vida, com todas as im-



plicações da acolhida da fé cristã por uma pessoa do contexto no qual Lucas está inserido, ou seja, tanto o universo da religião judaica como o universo político do Império Romano. A tentativa de Lucas aproxima-se dos ideais de uma pastoral urbana, atualizando, pela hermenêutica, as motivações de Jesus, dadas em espaço diverso.

O que pode ser mudado no espaço cultural? Quais os temas dos quais não se pode abrir mão? É possível viver no mundo urbano a proposta da solidariedade rural, firmada no Batismo e concretizada na Eucaristia, como base da comunidade? O professor Orofino levou as discussões por esse caminho, valendo-se, principalmente, da ideia-chave do livro de Lucas, que caracteriza um “caminho do Espírito” até os confins do mundo.

O fundamento para que se entenda a obra de Lucas num todo é a contraposição de duas propostas oponentes: dois senhores, com suas respectivas palavras e espíritos. O primeiro parte de Roma, o centro do mundo conhecido, pronunciando uma palavra que, por meio de um maquinário de comunicação potente (espírito), alcança o “fim do mundo”, Nazaré. O outro Senhor, partindo de Nazaré – o lugar escondido que se torna o centro do mundo –, também pronuncia uma Palavra, que se desloca por meio do Espírito, chegando a ser anunciada até o “fim do mundo”, Roma. A oposição entre essas duas forças, o Império Romano e o Evangelho de Jesus, dão o fio condutor para uma análise da obra como um todo, desde a Anunciação e a Encarnação até a pregação apostólica de Pedro e Paulo, que ocupam, cada um, metade dos relatos dos Atos dos Apóstolos, no qual a palavra chega à capital do Império. Por aqui se percebe a unidade do livro, de Nazaré, passando por Jerusalém (Evangelho/vida de Jesus) e Antioquia, até alcançar Roma (Atos dos Apóstolos/missão e martírio de Pedro e Paulo). Perceber o fato de que a morte dos apóstolos não é narrada, porque a finalidade do livro de Lucas é narrar o deslocamento da Palavra até o fim do mundo, o que ocorre com a chegada dos apóstolos a Roma.

O professor ressaltou, por meio de um esquema breve, o importante momento do choque entre os espíritos, marcado pelo símbolo forte da cruz, que determina a força de um senhor em detrimento do outro. É uma leitura positiva da palavra, de modo ascendente e uniforme (por vezes contrário à realidade das perseguições aos cristãos), como aparece no *Magnificat*.

Francisco Orofino enfatizou o caráter catequético do contraste e sua importância no processo pedagógico da catequese em meio urbano, para se atingir o efeito desejado, ou seja, a clareza daquilo que se queria comunicar, o modo de agir dos seguidores de Jesus. A apresentação desse contraste é presente em diversas parábolas de Jesus, bem como nos exemplos postos por Lucas em seu livro: Zacarias e Maria; Barnabé e Safira.



O escrito em forma metafórica (parábola) sempre é limitado pela linguagem utilizada e vale-se da linguagem para enfatizar os aspectos mais importantes. As parábolas do capítulo quinze – abordadas pelo professor na primeira noite do evento, com grande público presente – mostram Deus voltado àquilo – àqueles – que Ele “perdeu” – os pagãos. O Prof. Orofino enfatizou o modo como as parábolas se fazem entender tanto no ambiente masculino como no feminino, sempre por meio de duas histórias que relacionam aspectos do cotidiano – o tema do pastor, por um lado, e o da moeda perdida na casa, por outro. O caráter hiperbólico das narrativas acentua o fato de que não se está contando um fato, simplesmente, mas, por meio dele, quer-se chegar a um ensinamento espiritual e moral, segundo a ótica das comunidades em formação.

Impressionou o modo como o assessor uniu a realidade vivida ao ensinamento cristão dado na parábola. Na explicação de Lc 15,11-32, foi ressaltado não tanto a prodigalidade do filho que tornou à casa, mas a atitude do irmão que permaneceu com o pai. Numa interpretação que privilegiou o ambiente cultural das cidades e a acolhida de pagãos neoconvertidos por judeus que abraçaram a proposta de Jesus, o professor enfatizou a necessidade da abertura do coração e da casa para a acolhida do diferente, que quer celebrar na comunidade cristã. A comunhão exige abertura frente à tradição, com ponto fundante na comunhão de mesa (tendo em conta toda a questão alimentar judaica e os problemas com a impureza, torna-se mais enfática a mudança que significava a conversão dos judeus). Esse processo difícil de assimilação levou à pergunta central: depois que o filho mais novo – o “filho perdido”, na proposta do professor, numa seqüência com a ovelha e a dracma perdidas – entrou para o banquete e foi recebido pelo pai como “filho”, desde a restituição da herança à comunhão de mesa, como se comportou o filho mais velho, entrou ou não na casa para compartilhar da alegria do pai e do irmão que fez o processo de conversão?

O pai revela a liberdade da relação entre ele e o filho que esteve sempre em casa – os judeus deveriam ter liberdade nas relações com Deus, de modo a poderem se “apossar” de tudo o que é do pai. Uma religião que não promove a liberdade, como pode levar à conclusão a parábola do filho perdido, e que não comunica mais Deus de maneira eficaz, como mostra a manifestação de Deus a Zacarias no Templo, revela-se obsoleta. Jesus não descarta a escolha de Israel, povo do qual ele mesmo faz parte, mas aprofunda o significado da Aliança como estabelecida no início: “No início, não era assim...”.

Ao longo do Tríduo, o professor abordou as temáticas centrais para a acolhida do Evangelho no meio urbano. Evidenciou, também, a necessidade de maleabilidade no modo como a fé cristã foi se desenvolvendo, com o processo de abertura, por um lado, mas também com clareza daquilo que,



em qualquer ambiente, não poderia ser tolerado entre os irmãos: fatores tanto sociais – o aborto, o infanticídio, o divórcio, que não concordam com a proposta cristã de igualdade e complementaridade entre os casais – quanto da vivência da espiritualidade na comunidade e individualmente – a acolhida ao próximo, o fazer-se próximo, o processo de conversão, a atitude de acolhida, etc. Esses aspectos, dentre outros, ficaram evidenciados na parábola do bom samaritano, bem como em Lc 15, descrito acima.

No contexto do Ano da Fé, o assessor propôs a figura de Lídia como emblemática para o entendimento da missão de Paulo, mas também para o modo de vivenciar a missionariedade hoje. Lídia é a única personagem bíblica citada na *Porta Fidei*, de Bento XVI, para a convocação do Ano da Fé, na comemoração do cinquentenário do Concílio Vaticano II. De At 16 o professor ressaltou a importância da atividade missionária como decorrência do Batismo, feita sempre em nome da Igreja. Discernindo o apelo do Espírito, a equipe missionária se dirige à Macedônia, onde encontra Lídia e é por ela acolhida em casa. O Espírito envia a equipe a um destinatário claro, Lídia, que, após o recebimento do Batismo (abertura de coração), acolhe a Igreja em sua casa (abertura da porta da casa). Daqui vêm admoestações sérias para o processo catecumenal de ontem e de agora. Para o professor, o fato de o papa ter escolhido Lídia como único rosto de seu escrito chama a atenção da Igreja para a missão e o processo catequético que transforme as atitudes dos participantes.

Na terça-feira à noite o tema da quarta conferência foi dedicado ao uso do dinheiro pela comunidade cristã, tema bastante relevante para a vida na cidade e donde brota para a comunidade cristã a exortação à coerência de vida. O professor distinguiu e contrapôs a ótica do acúmulo (casa do acúmulo) à ótica da partilha (casa da partilha/Igreja). Lucas caracteriza o fariseu como amigo do dinheiro (*filárguros* = amigo da prata). É o representante da ótica do acúmulo e de todos os que não se abrem à partilha para a construção da casa-Igreja.

Na cidade, que faz conviver muito próximos ricos e pobres, o dinheiro pode ser instrumento de exclusão, mas pode, por outro lado, ajudar a promover a partilha, da qual é retrato ideal At 2,42-47. Em contrapartida, o professor ressaltou a postura mentirosa de Ananias e Safira que, ao reterem parte do dinheiro consigo e mentirem para a comunidade, traem o espírito cristão, não porque não colocam tudo o que possuem à disposição, mas porque não se portam de maneira autêntica. A distribuição igualitária é vista na ótica da necessidade de cada um. A Igreja não interfere nas disposições dos fiéis sobre seus bens. Por sua vez, o fiel não pode mentir para a comunidade, matando o seu Batismo.

O contexto urbano cada vez mais é ampliado no sentido da globalização. Por outro lado, a tecnologia que proporciona esse desenvolvimento



traz no seu rastro o problema do individualismo que se estabelece entre as pessoas. A pastoral da Igreja nas cidades trabalha – deve trabalhar – nesses dois sentidos, para garantir e enfatizar os aspectos da catolicidade da fé e também do ambiente íntimo no qual a mesma deve ser vivenciada. A proposta da Igreja como “casa da partilha”, ao mesmo tempo em que ilumina a ação, coloca novos desafios para a evangelização real, ampla e eficaz. Numa sociedade extremamente dependente do sistema econômico, urge pensar a relação da fé com o modo de utilização dos bens materiais, não vistos de maneira negativa, mas buscando sua contribuição para a comunidade, espaço sem o qual não pode existir verdadeiro cristianismo.

O tema do Tríduo Bíblico foi desenvolvido em duas partes: primeiramente, o professor destacou passagens do livro de Lucas que serviam para uma compreensão global do texto, a partir de temas centrais para a evangelização em meio urbano, espaço de evangelização para o qual o Evangelho de Lucas foi pensado. Uma segunda parte ficou implícita durante todo o processo, que, justamente, permeou todas as conferências, porque imprescindível para a leitura bíblica: a escolha de uma chave de leitura hermenêutica. No último dia do Tríduo, o Prof. Orofino enfatizou esses princípios, com base em *A interpretação da Bíblia na Igreja* (1993), além de tomar duas contribuições de textos dos papas Paulo VI e João Paulo II. Esses pontos formaram a contribuição da Igreja no Brasil para o sínodo da Palavra, ocorrido em 2008:

1. Crer e acolher a Bíblia como Palavra de Deus, na comunidade de fé;
2. A Bíblia é Palavra de Deus com linguagem humana – a leitura exige métodos de compreensão da linguagem humana, a partir das ciências;
3. A Palavra é o instrumento de Deus para revelar a si mesmo – o homem é chamado a fazer a experiência de Deus;
4. Jesus é a chave principal de leitura da Bíblia – mostra como fazer a experiência de Deus/do nome de Deus (como presença);
5. Aceitar a lista canônica e inter-relacionar os livros, aceitando-os por igual;
6. A Bíblia é o livro da Igreja – ler *com* e *na* Igreja, que diz que a Bíblia é a Palavra de Deus – o ambiente de fé é o contexto hermenêutico (valorização dos ambientes de leitura popular);
7. Levar em conta os critérios da fé – unidade da Escritura; Tradição; analogia da fé (DV 12);
8. Levar em conta os critérios da realidade – da época do escrito e da atualidade;



9. Complementariedade entre Bíblia (proposta) e oração (resposta) – o processo hermenêutico se conclui com a resposta do homem a Deus;
10. A interpretação bíblica deve estar a serviço da evangelização.

Finalizando os trabalhos do evento, o professor escolheu o texto dos discípulos de Emaús (Lc 24), que encerra a primeira parte do livro de Lucas, apontando o caminho de Emaús como caminho da desobediência e da conversão, a partir da cegueira dos discípulos – ao que parece um casal –, que percebem a presença de Jesus no pão partilhado, quando abrem sua casa para acolhê-lo, sem saber que era ele o Senhor ressuscitado. A passagem revela um processo de reencantamento por Jesus, dentro da dinâmica da própria liturgia da Igreja, da Palavra anunciada e explicada ao pão partido, revelando a ótica da partilha. Em tempos de nova evangelização, faz-se necessário ter em conta a dinâmica da celebração eucarística como lugar propício para o reencantamento com a pessoa de Jesus.

O mundo urbano é marcado pela diversidade. A aceitação da diversidade na Igreja passa pelos indivíduos e pela não-tentativa de padronização, que acaba por ser excludente. Na atualidade, abre-se ainda mais o leque da diversidade. O desafio fica na pergunta: “Quem e por que eu excluo determinadas pessoas que se aproximam da casa-Igreja?”. Há necessidade de buscar o Espírito que renova e dá equilíbrio a todas as coisas.

Paulo Stippe Schmitt

(Acadêmico do 1º ano de Teologia da FACASC)